

Ponte de Mirandella — segundo um desenho de Lopes Mendes

Mirandella foi outr'ora uma das villas mais notaveis e fortificadas da provincia de Traz-os-Montes. Está situada nas margens do rio Tua, ao norte da torre de Moncorvo uns 30 kilometros. Vista do poente tem alguma apparencia com a cidade de Coimbra, para o que concorre a sumptuosa ponte que domina o Tua, e a nossa gravura representa. É toda de cantaria, e tem dezenove arcos. O rio é mui caudaloso por vir engrossado com outros dois, e mais duas ribeiras que se juntam acima da villa. Um d'elles é o Tuella, que nasce na Galliza, entra em Portugal pelo logar de Moimenta, e correndo pelos concelhos de Vinhaes e Torre de D. Chama, vae desaguar no Douro pela foz do Tua, tendo percorrido 90 kilometros ou 18 legoas. O outro é o rio Mente, que tambem nasce na Galliza, e desagua no Tua, tendo caminhado o mesmo numero de kilometros. As duas ribeiras são a de Lobos e a da Mercê, que vem engrossar o Tua, cursando a primeira 15 kilometros, e a segunda 25.

Tão caudal torrente fez indispensavel esta grandiosa ponte, uma das mais notaveis que ha no reino.

O territorio de Mirandella é mui fertil; produz muito azeite, trigo, e frutas. Tem bom gado, bastante caça, grande abundancia de peixe dos rios que lhe estão visinhos; e no termo ainda se faz muita criação de bicho de seda.

N'outro tempo eram famosos os cavallos alli criados e adestrados, para o que concorriam os bons pastos e excellentes cevadaes dos campos de Mirandella. Nunca teve porém grande povoação, porque o clima não é dos mais sadios.

El-rei D. Affonso III foi quem elevou Mirandella á cathegoria de villa, dando-lhe foral em 1288. Tem um castello, que ainda hoje se chama dos Tavoras, porque os marquezes d'este titulo eram os donatarios da villa; é murada ao uso antigo, com tres portas; mas o muro está em ruinas.

CHRONICAS DO POVO

III

O PASTOR

TRADUCÇÃO DE RODRIGO PAGANINO

(Vid. pag. 61)

No meio dos desastres que affligiam a França havia tantos annos, tinha corrido sangue de mais para já se ter tornado familiar para todos a idéa de morte violenta; á força de verem caír os visinhos, tinham-se costumado quasi a esperar a morte a todo o momento. Mas o que lhe custava a crer era que morresse tão desgraçadamente uma criança a quem protegia, e para a qual esperava um futuro longo e feliz. Fr. Cyrillo não se podia afazer á idéa de que tantas esperanças podessem ser ceifadas em flor; indignava-se e desesperava-se alternativamente. Rezava a Deus com fervor, ou refazia o *thema* que tinha calculado a Remy. O Toiro mostrava-se sempre hostil; mas sempre tambem Marte e a Virgem promettiam a sua influencia favoravel. Fr. Cyrillo já fluctuava, mau grado seu,

entre a esperança e o temor; e entretanto o temor augmentava de instante a instante.

Já se tinha passado parte da noite; a hora designada para o supplicio aproximava-se, e todas as probabilidades de salvação pareciam perdidas. De repente um clarão avermelhado brilha de fóra; torna-se mais vivo, augmenta, levanta-se um clamor immenso: é fogo. Reflexos scintillantes illuminam as paredes; ouve-se o mugido das chammas, o estalar dos emmadeiramentos; o carcereiro corre a abrir as portas, gritando que ha fogo no bairro dos judeus, o qual fica detraz da prisão. O frade precipita-se nos corredores, chama Remy; respondeu-lhe uma voz pronunciando o seu nome. Remy respondeu-lhe.

Procuravam-se ambos, e encontraram-se á entrada do pateo reservado. A porta está aberta, saem por ella, atravessam segundo pateo, saem para a rua, e correm sempre em frente pela mão um do outro.

Mas a carreira aproxima-os do incendio; esbarram com os desgraçados que fogem levando os destroços que poderam subtrahir ás chammas, e depois com os soldados do sr. de Flavi que os perseguem e roubam. O padre lembra-se então da ameaça do governador, e comprehende a causa do desastre; mas uma chuva de cinza e de carvões em braza o obriga a retroceder. Encontra uma viella solitaria, encaminha-se por ahi com o seu pupillo, e conseguem assim ir dar ao campo. Não pararam senão junto a um espesso cerrado que lhes offerecia refugio. Ahi o frade, offegando, exclamou:

— Basta! — E olhando, para ver se não eram perseguidos, continuou dirigindo-se a Remy:

— Acaba de fazer Deus um milagre em nosso favor.

— Ah! meu bom pae, disse o rapaz cheio de commoção.

— Dêmos graças a Deus por te haver salvo, replicou o frade persignando-se com expressão de ardente reconhecimento. Devemos esta felicidade aos soldados que deitaram fogo ao bairro, para que o incendio pagasse as dividas dos seus officiaes. E d'ahi o *thema* bem o tinha annunciado. Marte protege-nos; será porém sempre bom que nos não esqueça de que temos o Toiro contra nós.

Tornaram a metter-se a caminho por meio do cerrado, seguindo a margem de um rio que o cortava, até acharem vau. Foram andando toda a noite e parte do dia seguinte, até que a fadiga os obrigou a parar.

Bateram á porta de uma casa de menos má apparencia, levantada no meio dos bosques, e que julgaram ser habitação do guarda da floresta. Mas a mulher que veiu abrir-lhes a porta trajava á moda da cidade; olhou primeiro por um postigo de grades, perguntou o que queriam, mostrou alguma hesitação, mas por fim sempre lhes franqueou a casa.

Á entrada, fr. Cyrillo e o seu companheiro repararam n'um banco de carpinteiro cheio de ferramentas e de bocados de osso; mas a sua hospedeira deu-se pressa em mandal-os para outra casa, onde lhes apresentou bancos á roda da mesa, e deu-lhes com que satisfizessem a fome.

Os dois viajantes, que caíam de inanição, foram comendo e bebendo sem dar palavra. Quando estavam fartos, fr. Cyrillo dirigiu a palavra á mulher, que estava sentada proxima do lar, vendo-os comer, e sem dar palavra.

— Desculpae o nosso silencio, minha filha, disse-lhe com aquella familiaridade que lhe permittiam tanto a edade como a profissão; mas as melhores fallas para quem dá hospitalidade são o ruido da faca e da colher dos hospedes. Deus vos restituirá o que hoje daes a uns pobres viajantes.

— Oxalá que Elle vos oiça, acrescentou, porque vivemos n'um tempo que faz expiar duramente a todos os erros de alguns.

— Ai de mim, filha, isso é bem verdade, replicou docemente o padre Cyrillo. Por em quanto vemos o reino entregue a dois povos e a dois principes, que não cuidam senão em prejudicarem-se mutuamente. Por isso ninguem póde dizer quando hão de acabar os nossos males, se a Santissima Trindade se não apiedar de nós.

— Talvez chegasse o momento da misericordia, observou a mulher; porque uma nova Judith acaba de chegar para a salvação do rei Carlos.

— Uma nova Judith! — exclamou o frade admirado.

— Pois não o sabieis? tornou a sua interlocutora. Uma rapariga, que se diz mandada por Deus, chegou a Chinon no mez de fevereiro. Depois de a ter feito examinar pelos bispos e pela universidade de Poitiers, Carlos apresentou-a á frente de um soccorro que mandava para Orleans, e a rapariga conseguiu que os inglezes levantassem o cêrco.

— É possivel? — interrompeu Remy.

— Tão possivel, que se acha agora mesmo em Loches, onde está o rei.

— Em nome de Christo, partamos para Loches, meu pae, exclamou o rapaz levantando-se, é ahi que devemos chegar.

A hospedeira fallou-lhes nos perigos da estrada coberta de bandos de inglezes, que depois da derrota de Orleans não davam quartel a ninguem; mas fr. Cyrillo respondeu-lhe, que Deus, que os tinha protegido durante aquelles tres mezes, não os havia de abandonar. Ella então quiz abastecer de viveres a saccola de Remy; quando, porém, ia a caminho do celleiro, ouviu muitas pancadas á porta, e uma voz de fóra que a chamava pelo seu nome.

— Viva Deus! É Nicolau, exclamou ella.

— Sou eu, mulher, sou, retorquiu-lhe a tal voz; mas abre depressa, que morro de fome e de sêde.

Correu a abrir a porta, e um homem de parecer queimado e de aspecto jovial assomou ao limiar. Estava vestido com a tunica de peregrino, e trazia pendente do pescoço uma d'estas caixinhas de grades, onde se mettiam reliquias para vender.

— Jesus! Pois já?

— Não me esperavas tão cedo, não é assim? disse o recemchegado; mas que queres tu? desde que Joanna, a donzella, faz fugir os inglezes por toda a parte, estes tornaram-se devotos; mal me avistavam com a tunica de peregrino, vinham a correr comprar-me reliquias que os podessem livrar de desastres; por isso vendi tudo em poucos dias, e tive que vir renovar a minha caixa de milagres.

— Devagar, mais devagar, desgraçado, interrompeu a mulher espavorida; está alli um rapazinho e um frade.

— Ah *Goddem!*

— Em nome de Deus, despe essa tunica depressa.

— É escusado, disse o padre Cyrillo, que tinha ouvido tudo no quarto proximo, e que se apresentou com aspecto severo e carregado.

A mulher recuou soltando um grito. O peregrino, esse, passado o primeiro momento de sopresa, pareceu haver tomado uma resolução.

— Pelo ceo, meu reverendo, adoptastes novo modo de confessar a gente sem o querermos, disse com alegria zombeteira.

— Cala-te, sacrilego, exclamou o frade, em quem a indignação suffocára a paciencia habitual; falso peregrino, fabricante impio de reliquias mentirosas, podes esquecer-te porventura do castigo eterno que ha de punir a tua impostura no outro mundo?

— Prefiro lembrar-me dos proveitos que lhe servem de recompensa n'este, replicou Nicolau desaforadamente. Por todos os diabos, meu reverendo, viestes bem fóra de proposito estranhar que eu viva de enganos, pois que vós morreis de fome por honradez.

Fui aprendiz de clerigo, cantor de parochia, e trazia um fato mau de estamenha, comia queijo de leite de cabra, e pão de centeio com palha. Quiz em Auxerre abrir loja de especiarias, e vieram os soldados roubar-me a fazenda; tanto que tive que me dar por quebrado. N'uma palavra, como não podia viver com o meu trabalho, tive que viver das minhas astucias; a culpa não é minha, foi das pessoas que a isso me obrigaram.

— Desgraçadamente é esta a verdade, acrescentou a mulher, em quem a industria do falso peregrino despertava evidentemente escrupulos, mas que desejava desculpal-a aos olhos do frade. Nicolau não adoptou essa profissão por vontade; e se lhe podem levar a mal o modo por que ganha a sua vida, devem tambem saber que elle sempre reserva parte do seu dinheiro para obras de piedade.

— E a prova, acrescentou o peregrino mettendo a mão no bolso, é que pedia ao reverendo se não se esquecia de mim nas suas orações.

O frade repelliu o dinheiro.

— *Vadè retrò!* exclamou elle; são moedas diabolicas, e eu nada quero de quem atraiçoa o seu Deus. *Vadè retrò!*

— Fostes menos escrupuloso com os viveres, fez-lhe observar Nicolau escandalisado, dirigindo os olhos para o alforge de Remy. O padre Cyrillo agarrou n'elle vivamente.

— Muito bem! exclamou elle; tinha-me esquecido; fizestes bem em lembrar-m'o. Ainda que eu tivesse de morrer á fome, não haviam de dizer que tinha participado do pão da iniquidade. Guardae lá a vossa esmola, e Deus vol-a carregará na consciencia.

Vasára o alforge, que seguidamente enrolou no braço, depois, pegando no bordão de carrasco, que deixára encostado á porta, saíu em companhia de Remy, sem esperar por mais nada.

VI

O annuncio dos resultados obtidos por aquella rapariga desconhecida, que guiava o exercito francez em nome de Deus, e a sua chegada á corte em Loches, tinham alegrado extraordinariamente o rapaz. E mais alegre ficou ainda quando soube que Joanna acabava de reconquistar successivamente aos inglezes, Jargeau, Meuny, Beaugency, e que o rei se adiantava, em companhia d'ella, para Beauce.

Elle e o seu conductor mudaram desde logo a direcção, subiram para o norte, deixaram Orleans á esquerda, e aproximaram-se do bosque de Neuville.

Até então o padre Cyrillo tinha supportado as fadigas da viagem com boa vontade; mas a peregrinação tornava-se cada vez mais difficil, e a coragem sómente não era bastante para vencer todas as difficuldades. Os dois viajantes atravessaram um caminho devastado pela passagem recente dos inglezes, que evacuavam as cidades e castellos, onde tinham conservado guarnições até esse tempo. Retiraram-se deixando após si unicamente solidão e ruinas. As provisões dos nossos viajantes acabaram de todo, sem que elles as podessem renovar; tiveram que viver de raizes e hervas do campo, arrancadas dos terrenos baldios.

Chovia quasi continuadamente, e não se podiam abrigar senão em pardieiros meio caídos, ou em pedreiras desamparadas. O padre Cyrillo, que até então havia aguentado todos os trabalhos e privações sem se queixar, não póde resistir por mais tempo. Ao quarto dia parou á entrada de um matto, vencido pela fome, pelo cançasso e pelo frio, e deixou-se cair pesadamente n'um tronco de arvore que alli jazia.

— Ainda que se tratasse do paraiso, não podia dar um passo mais, disse elle com voz enfraquecida; deixa-me aqui ficar, meu filho, e continúa teu caminho sem mim.

Em nome de Deus, meu pae, mais uma diligencia, disse-lhe Remy, para ver se podêmos ao menos ir parar a alguma cabana e accender algum lume. Estaes aqui sem abrigo! Meu pae, eu vol-o supplico.

Fr. Cyrillo respondeu com um murmurio inintelligivel; as suas palpebras, entorpecidas pelo frio, tinham-se fechado; os seus membros, que a fadiga tinha debilitado, ficaram immoveis; Remy continuou debalde a supplicar; o seu companheiro tinha adormecido.

Cheio de pavor, correu para a estrada, chamando em altos gritos, e procurando com a vista no meio das trevas, que já encobriam quasi tudo, algum clarão que lhe podesse indicar soccorro proximo. Depois de ter por muito tempo olhado debalde, pareceu-lhe avistar ao longe, n'um ponto mui distante, á beira da estrada, um vulto de proporções agigantadas. Como imaginasse que seria algum edificio, voltou a ter com o frade, levantou-o nos braços, e entrou a arrastal-o com esforço para o logar de abrigo que lhe parecêra ter descoberto.

O frade, mal desperto, levantou-se e continuou machinalmente a andar, até que chegaram ao pé do edificio cujo perfil sombrio se desenhava nas sombras. Remy levantou os olhos, e avistou as forcas da justiça, em que estavam pendentes ainda os cadaveres dos ultimos suppliciados.

Este engano tirou-lhe todos os restos de valor. Depois de ter novamente espalhado a vista sem alcançar além dos sombrios abysmos da noite, através dos quaes as arvores erguiam os braços tortuosos, como lugubres fantasmas, sentou-se ao lado de fr. Cyrillo, encostou a cabeça ao habito do frade, e deixou-se dominar pela somnolencia que até então tinha combatido.

Entretanto uns restos de energia vital luctavam ainda no seu coração, e faziam-lhe perceber vagamente o que se passava á roda de si; percebia que a chuva tornára a começar, e machinalmente puxou para cima o capuz de fr. Cyrillo. Depois ouviu as aves de rapina, que soltavam gritos sinistros á roda da forca, depois os úivos dos lobos, vagueando pelos bosques, por fim pareceu-lhe que uma sombra se aproximava d'elles.

Fez um esforço para se levantar, e viu uma velha de aspecto hediondo, que tinha parado ao vel-os, manifestando sopresa.

— Em nome de Deus Padre, e de seu Santissimo Filho, balbuciou elle, acudi-nos!

— Quem és, e o que estás ahi fazendo, perguntou-lhe a velha.

Remy explicou-lhe por phrases entrecortadas, como fôra que elle e o seu conductor tinham sido colhidos pela noite no logar em que se achavam. Supplicou-lhe novamente que lhe indicasse um abrigo, e que o ajudasse a levar o seu companheiro. A velha, que parecêra hesitar ao principio, decidiu-se por fim; agarrou n'um dos braços do padre Cyrillo, em quanto Remy agarrava n'outro; e ambos o conduziram assim até proximo de uma collina, pouco distante d'alli.

Um castello velho, arruinado havia muito, dominava a collina, e as torres derrocadas recortavam-se por modos extravagantes no ceo sombrio da noite. Tiveram que seguir por um caminho pedregoso, e passar por cima de alguns restos de muralha; a velha, depois de lhes ter feito dar muitas voltas, empurrou a porta de uma especie de adega subterranea, de que fizera a sua habitação. Deixou seus hospedes por momentos, e reappareceu em pouco com uma lampada accesa; á vista, porém, do habito do frade, que por causa da escuridão não descobrira ainda, ficou sobresaltada e trémula.

— Um frade! — exclamou.

— Preferirieis um soldado?—perguntou alegremente o religioso, que começava a reanimar-se. Não tenhaes receio, boa mulher, somos pessoas de paz, e ficar-vos-hemos dobradamente reconhecidos, se depois de nos terdes concedido logar na vossa casa, accenderdes o lume para nos aquecermos.

A velha resmungou algumas palavras inintelligiveis, agarrou na lampada, e quiz que os seus hospedes entrassem n'uma casa mais desviada da rua; Remy, porém, que acabava de reparar no sitio em que se achava, agarrou vivamente na mão do padre Cyrillo, e disse-lhe com voz alterada:

— Deus nós proteja, vêde onde estamos, meu pae!

O frade levantou a cabeça e estremeceu tambem.

— Se me não engano, é um laboratorio de sciencia diabolica, disse com certa precipitação em que o medo se manifestava menos do que a curiosidade.

— Saiâmos, meu pae, saiâmos, disse Remy pretendendo puxal-o para fóra. Mas o padre Cyrillo resistiu; participava das crenças do seu seculo a respeito da magia; porém, posto que a considerasse como directamente ensinada pelo demonio, o ardor scientifico combatia no seu espirito o desejo da salvação, e inspirava-lhe, pelo menos, tanto interesse como horror pela arte dos sortilegios. Elle mesmo tinha ensaiado já, no segredo do laboratorio, algumas receitas magicas, e não tinha continuado, menos pela falta de orthodoxia, do que pela falta de bom resultado. O encontro de uma mulher que se entregava a esta condemnavel sciencia despertou-lhe os antigos desejos; e cheio de curiosidade, entrou a deitar os olhos pelo que estava á roda de si.

A especie de subterraneo em que se achavam estava guarnecido com todos os objectos mysteriosos empregados pela feiticeira. Caldeiras de differentes dimensões para preparar os philtros; madeixas de cabellos, que se podiam transformar em moedas de oiro; espelhos de aço polido, em que, por arte magica, se viam os ausentes; varas de azinheiro destinadas a dirigir as nuvens; estatuas de cera, tendo no coração compridos alfinetes de aço, que deviam causar a morte aos que as estatuas representassem; ossos humanos; cordas de enforcado; cabeças de vibora para os unguentos que transformavam a gente. Mas o que principalmente fixou o olhar de fr. Cyrillo foi um sapo enorme, mettido n'um globo de vidro. Tinha nas costas uma capinha de tafetá, que indicava ter sido baptisado por um padre sacrilego, e na cabeça uma especie de crista brilhante.

A attenção curiosa do frade não escapára á velha, que a augmentou ainda mais, declarando em voz alta, e em fórma de ameaça, os differentes dotes que recebia da sua arte.

Remy, no mais alto grau de terror, quiz deitar a fugir pela porta fóra; mas o padre Cyrillo, cujo espanto participava de admiração, reteve-o.

— Fica, disse elle, fica e persigna-te. O poder do demonio não ha de prevalecer diante do symbolo da Redempção. Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo, serva de Astaroth e de Belzebuth, eu te ordeno que cesses as tuas ameaças, e que renuncies aos teus maleficios.

A feiticeira calou-se, e permaneceu immovel por algum tempo junto da porta. O padre Cyrillo não duvidou de que a velha tivesse, a seu pezar, obedecido ao poderoso exorcismo que acabava de pronunciar; mas ella, que parecia escutar, aproximou-se de repente e disse:

— Vem ahi alguem consultar a *rainha de Neuville*.

— Recebeste annuncio do demonio? — perguntou o frade admirado.

— São muitos, disse a feiticeira, que voltava as costas para a porta; e vem armados. Retira-te com o rapaz, e deixa que me fallem sem testimunhas.

Pegou na lampada e encaminhou-se para uma casa proxima, para a qual mandou entrar os seus hospedes. Era um subterraneo espaçoso, a meio do qual estava um brazeiro acceso, e uma cama de folhas sêccas. A *rainha de Neuville* convidou os dois viajantes para que se aquecessem e descançassem, e depois retirou-se fechando a porta de separação.

O terror de Remy ainda não estava dissipado. O frade esforçou-se para o acalmar, repetindo-lhe que as fórmulas magicas podiam ser victoriosamente combatidas pelas do exorcismo. Aproximou-se depois do brazeiro, que reanimou, e fez com que o rapaz se sentasse com elle na cama de folhas.

Mas as vozes dos recemchegados já se faziam ouvir no quarto de entrada. Remy, aproximando-se com precaução da porta que a velha fechára, e espreitando pelas fendas que deixavam as taboas mal unidas, viu distinctamente todos os personagens da scena que se representava do lado opposto. A *rainha de Neuville* estava em pé, a alguns passos, conservando a varinha de ferro n'uma das mãos, e tendo a outra posta sobre o globo que resguardava o sapo baptisado. Proximos á entrada estavam tres homens armados, que, pelo trajo e pelas côres, o rapaz reconheceu logo como archeiros do senhor de Flavi. Fallavam todos timidamente e de longe com a feiticeira; mas finalmente um d'elles pareceu tomar animo. Dando um passo para diante, achou-se no espaço allumiado pela lampada; as suas feições, escondidas até então na sombra, illuminaram-se de repente, e Remy reconheceu *Exaudi nos*.

Posto que fallasse á velha com o descaramento de costume, via-se que transparecia no seu desembaraço uma inquietação notavel.

— Pelo que vejo, vieste buscar *uma camisa de prevenção*, dizia a *rainha de Neuville*, respondendo naturalmente a um pedido feito pelo archeiro.

— De certo, replicou este sem poder tirar os olhos do sapo do manto de tafetá; uma camisa que me possa servir ao mesmo tempo contra os golpes dados á traição e contra os sortilegios.

— E que querem os teus companheiros? — perguntou novamente a feiticeira.

— Eu, disse um dos soldados que se conservava no escuro, e cujo uniforme indicava besteiro a cavallo, desejava uma pequena porção do pó de feitiços, que fabricaes com um gato esfolado, um sapo, um lagarto e um aspide.

— E eu, acrescentou o terceiro, que trazia lança de estardiota, desejava conhecer as palavras que se devem proferir quando se quer pagar *refuga pecunia*, isto é, por maneira que o dinheiro que dermos volte por si mesmo para o nosso bolso.

— Mais nada? — perguntou a *rainha de Neuville* olhando novamente para *Exaudi nos*.

— Não é bastante? — replicou este um tanto embaraçado.

A feiticeira bateu no caldeirão grande com a varinha de ferro.

— Tens um pedido mais importante para me fazer, disse encolerisada; vens consultar-me da parte de teu amo.

O archeiro pareceu estupefacto.

— Por Satanaz! Adivinhou, disse elle dando um passo á retaguarda e olhando para os seus companheiros. Deus é testimunha de que o senhor de Flavi me fallou n'isto pela primeira vez, ha de haver duas horas, na estalagem do bosque. Visto que sabes tudo, mulher ou demonio, nada tenho a dizer-te.

— Falla sempre, replicou a *rainha de Neuville*, quero ver se és sincero.

— E de que vale mentir a quem conhece até as nossas intenções mais reconditas? O senhor de Flavi

soube, que para ti nada havia que fosse occulto, e por isso mandou-nos ter comtigo para te fazer algumas perguntas.

— Dize.

— Primeiro que tudo deves saber, que o nosso amo procura ha muito tempo o herdeiro da dama de Varennes, cuja apparição receia.

— Não o pôde descobrir?

— O acaso levou-lh'o, ha pouco tempo, mas elle deixou-o fugir, sem saber o que perdia.

— Soube-o depois?

— Quando eu voltei a Tonnerre. Não me custou a descobrir, pelo que me disseram dos dois prisioneiros fugidos, que um d'elles era o moço de Varennes, e o outro o frade que lhe serve de guia.

— O frade!

— O senhor de Flavi ignora que caminho terão levado, e era isso mesmo que nos manda perguntar-te.

— São elles, repetiu a velha como se fallasse comsigo; um frade já velho e calvo, trazendo na sua companhia um rapaz de dezeseis annos talvez, com ares arrogantes e habito de noviço.

— Pela minha alma, é isso mesmo, disse o archeiro cada vez mais admirado.

— E andas á procura d'elles?

— O senhor de Flavi desejava saber onde os poderia encontrar.

— E que daria elle se eu lh'o dissesse...

— Então sabes onde estão?

— Se eu lhe entregar o frade e o seu companheiro?

— Quando?

— Immediatamente.



Egreja e convento de Nossa Senhora da Penha de França

— Pois será possivel! — disse *Exaudi nos* — pois o poder da tua arte seria tão grande que os trouxesse aqui?

— Venham as duas moedas de oiro que o senhor de Flavi te deu para me entregar, replicou a *rainha de Neuville*, estendendo a mão enrugada.

— Ah! tambem sabes isso! — disse o archeiro cada vez mais attonito; e tirando do bolso o dinheiro pedido: — Toma-o lá, e vamos a ver se és capaz de cumprir a tua promessa.

A velha fez desapparecer as moedas de oiro no seio; depois girando sobre si mesma, entrou a murmurar palavras mysteriosas, e a descrever com a varinha circulos magicos.

Ao passo que ia fallando, o som da sua voz parecia excitar-lhe uma especie de vertigem; corria á roda do antro batendo nas caldeiras sonoras com a varinha de ferro, e pronunciando as palavras cabalisticas *vach, vech, sty, stu.* A este grito uns úivos saíram dos quartos visinhos, o sapo de cabeça brilhante agitou-se no globo de vidro, e algumas cobras levantaram o collo n'um dos vasos tocados pela feiticeira.

Exaudi nos e seus companheiros, espavoridos, tinham recuado até á porta de entrada; mas de repente a *rainha de Neuville*, que havia chegado ao pé do quarto, onde estavam fechados o padre Cyrillo e o rapaz, exclamou: — Bem, bem, Myosoch, elles já cá estão.

— Quem? — perguntou o archeiro, que apesar do seu susto todo não se tinha esquecido do fim da conjuração.

Em resposta a *rainha de Neuville* abriu repentinamente a porta do quarto, e os soldados viram o frade e o rapaz, de pé, junto á porta de entrada.

(Continua)

CONVENTO E EGREJA DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA

Na mallograda expedição de Africa, de 1578, ia Antonio Simões, natural de Lisboa, onde exercia com muito credito o officio de entalhador e doirador.

Apesar de se achar, talvez sem saber como, em

uma empreza tão aventurosa, Antonio Simões era mais affeiçoado ás artes do que ás armas, e preferia antes viver obscuro nas lides do seu officio, do que morrer gloriosamente n'um campo de batalha. Portanto, assim que a victoria se decidiu contra os portuguezes na memoravel jornada de Alcacerkibir, o nosso Simões não pensou mais que em se pôr a salvo d'aquelle tumultuar de combatentes christãos, que já, sem ordem e sem esperança, não tratavam de vencer, mas de vender caras as vidas.

Em tão grande aperto recorreu Antonio Simões á protecção da Virgem Maria, de quem era mui devoto. Prometteu-lhe, pois, fazer nove imagens suas de differentes invocações com o maior esmero e perfeição que lhe fosse possivel, se o livrasse d'aquelle gravissimo perigo.

Antonio Simões, escapando da morte e do captiveiro, foi um dos poucos que trouxeram a Portugal a triste nova da incommensuravel perda do moço rei D. Sebastião, e de todo o seu exercito.

Apenas chegou a Lisboa tratou de cumprir a promessa, e não descançou em quanto não viu acabadas as nove imagens de Nossa Senhora, a cada umá das quaes ia dando diversa invocação, á maneira que as concluia. Chegada porém a vez de pôr nome á oitava hesitou na escolha, e andou por algum tempo perplexo, até que por conselho e instancias de um jesuita, o padre Ignacio Martins, deu-lhe a invocação de Nossa Senhora da Penha de França, em memoria de outra imagem assim denominada, que então se venerava com grande fama de milagrosa em um sanctuario de Castella, proximo de Salamanca.

Antonio Simões fez collocar a imagem de Nossa Senhora da Penha de França, juntamente com a de S. João Baptista, tambem por elle feita, na ermida de Nossa Senhora da Victoria, que então existia no sitio chamado *Caldeiraria*, no bairro de Valverde, e que ao presente vemos na travéssa do mesmo nome, junto da rua *Aurea* ou do *Oiro*, como vulgarmente a nomêam.

Porém, não se satisfazendo com isto a sua devoção, resolveu edificar casa propria para a santa imagem, e nenhum logar lhe pareceu melhor para a fundação de uma ermida do que a coroa do monte denominado *Cabeça de Alperche*. Obtido consentimento do proprietario do terreno, Affonso Torres de Magalhães, começou-se a obra. No dia 25 de março de 1597, em honra da Annunciação da Virgem, lançou-se nos alicerces a primeira pedra, na qual foi gravada a seguinte inscripção: *Jesus Maria ávante*.

Passado um anno estava prompta a ermida. A imagem da Senhora foi conduzida em procissão para o novo templo com grande solemnidade no dia 10 de maio de 1598.

Principiou desde logo a concorrer á ermida crescido numero de fieis; mas em breve veiu uma circunstancia calamitosa augmentar extraordinariamente essa concurrencia.

Rebentou em Lisboa, no mez de outubro d'esse mesmo anno, uma horrorosa peste, que assolou não só a capital, mas tambem todo o reino, fazendo muitos milhares de victimas. O povo, consternado na presença de tão duro flagello, corria aos templos indistinctamente, segundo a devoção de cada um, a implorar a misericordia divina. A tropa castelhana, que estava de guarnição ao castello de S. Jorge, lembrando-se do milagroso sanctuario da Penha de França, em Castella, determinou ir em procissão de penitencia á ermida do mesmo titulo na *Cabeça de Alperche*.

Como o governo de Portugal se achasse nas mãos do rei intruso D. Filippe II de Hespanha, deu-se áquelle acto a maior solemnidade e apparato. D'est'arte foi dirigida a devoção do povo para a nova ermida de Nossa Senhora da Penha de França.

Era tal a multidão de gente que alli affluia todas as manhãs para orar e ouvir missas votivas, que Antonio Simões deu ordem a que assistissem ahi trinta sacerdotes para as dizerem, e chegou a ser insufficiente este numero, sendo preciso distribuil-as a outros padres.

Recrudescendo o contagio, a ponto de morrerem por dia n'esta cidade, no principio do anno de 1599, seiscentas pessoas, e mais, o senado de Lisboa fez voto de erigir nova capella-mór e retabulo a Nossa Senhora da Penha de França, de lhe offerecer um rico paramento, e de lhe fazer todos os annos uma procissão, indo todos n'ella descalços no primeiro anno, se a mesma Senhora alcançasse por sua intercessão o acabamento d'aquella horrivel epidemia.

D'este voto fez o senado um assento com todas as formalidades aos 28 de janeiro de 1599, que se depositou no seu archivo, e tambem foi gravado em uma lapida, que se collocou no arco da capella-mór do referido templo.

Começou a peste a declinar no mez seguinte até que se extinguiu completamente.

Aos 5 de agosto d'esse anno, dia de Nossa Senhora das Neves, fez o senado a sua primeira procissão. Saíu esta de Santo Antonio da Sé para a ermida da Penha depois da meia noite, por causa do calor e do muito que tinha de andar. Compunha-se a procissão da communidade dos religiosos eremitas de Santo Agostinho, do convento de Nossa Senhora da Graça, de muitos sacerdotes seculares, do senado, presidido por D. Gil Eannes da Costa, e de numeroso concurso de cidadãos, todos descalços, e com tochas accesas nas mãos, conduzindo a imagem de Santo Antonio.

Tal é a origem da procissão que por saír de noite o povo denominou *dos ferrolhos*. Continuou-se a fazer todos os annos, no mesmo dia, até 1833.

Tentou pouco depois a ordem dominicana estabelecer ahi um convento, mas foram baldadas as suas diligencias. Correndo o anno de 1601 fez doação Antonio Simões da ermida, e das casas contiguas, em que morava com sua mulher, aos eremitas de Santo Agostinho, que, ao cabo de uma demanda com os frades dominicos, tendo obtido as licenças necessarias, principiaram a fundação de um convento no anno de 1603, e no seguinte começou tambem o senado a obra da nova capella-mór em cumprimento do voto que fizera. Por essa occasião augmentou-se e melhorou-se o corpo da egreja.

Foi encarregado das obras o architecto Theodosio de Frias, que julgâmos ser filho de Nicolau de Frias, tambem architecto. As despezas saíram de esmolas, concorrendo principalmente para a conclusão do convento os bens que doou para esse fim em 1667 Antonio Cavide, que foi mestre do infante D. Pedro, depois rei, segundo do nome, e secretario das mercês del-rei D. Affonso VI.

Acabou-se a egreja em 1625. A trasladação da imagem de Nossa Senhora da Penha de França para o seu novo templo foi uma das maiores funcções religiosas que Lisboa tem presenciado. Durante a grande volta que a procissão deu pelo meio da cidade, foram-se-lhe aggregando tantas irmandades e confrarias, musicas e danças, que se recolheu levando 200 guiões, 118 cruzes, 18 turmas de charamellas, e outros instrumentos, e muitas danças populares, com variadissimos vestuarios e exquisitas invenções.

Mencionaremos por mui singulares dois privilegios, entre outros, que o papa Clemente VIII concedeu áquella egreja. Era o primeiro, que *se não podesse edificar de novo outra alguma ermida em qualquer sitio que seja, nem com quaesquer privilegios, ainda que sejam os de S. João de Jerusalem, em distancia de tres milhas da dita casa de Nossa Senhora*. Determinava o segundo, que *se não podesse edificar nos*

reinos e senhorios de Portugal outra egreja com o titulo de Nossa Senhora da Penha de França.

Tinha-se renovado a egreja em 1754, mas no anno seguinte reduziu-a o terremoto a um montão de ruinas. Primeiramente caíu o coro, e logo em seguida abateram as abobadas da capella-mór, e do corpo da egreja, sepultando mais de trezentas pessoas, que assistiam ás festividades do dia.

Passados apenas tres annos estava o templo restaurado pelo concurso simultaneo da munificencia del-rei D. José, do poderoso auxilio do 2.° marquez de Marialva, D. Pedro de Menezes, dos donativos dos mareantes, e dos devotos de Nossa Senhora. Tudo isto se acha commemorado em uma inscripção em latim, gravada em uma lapida, que se vê collocada na balaustrada junto á entrada do templo.

A nossa gravura mostra com bastante exactidão a frontaria da egreja e do convento, e a situação do edificio pelo lado de léste, para onde o monte é menos elevado.

É o templo de fórma oitavada, e de mediana grandeza. Vestem-lhe as paredes excellentes marmores, e adornam-se as suas capellas com obra de talha doirada.

A imagem de Nossa Senhora da Penha de França é a antiga, pois que se tirou com pouca lesão debaixo das ruinas da capella-mór. Tem um rico e lindo camarim e peanha de mosaico.

Os paineis das capellas da egreja são do pincel de Pedro Alexandrino, e, segundo diz José da Cunha Taborda, tambem pintor, foram os primeiros que aquelle eximio artista fez para adorno dos templos. Parece que os ditos paineis substituiram os de Bento Coelho, que, na ultima reedificação do templo, foram mudados para a sacristia, onde se conservam. Bento Coelho da Silveira foi um pintor portuguez, que adquiriu com justiça reputação de bom artista, e que falleceu muito velho no principio do seculo XVIII.

Guardavam-se outr'ora na sacristia preciosas alfaias, offerendas dos fieis; mas d'ellas nada resta; desappareceram pela maior parte por occasião do terremoto.

Junto da sacristia ha uma casa chamada dos *milagres*, pelos paineis que a decoram, representando os milagres que a Senhora fez. Vê-se tambem ahi um jacaré mui grande, que o povo de Lisboa e suas visinhanças admira e conhece pelo nome de *lagarto da Penha de França*. Diz a lenda que um peregrino, que subíra áquelle monte para fazer oração á sagrada imagem, querendo descançar, já quasi no alto, se recostára e adormecêra, e que vindo sobre elle para o tragar um disforme lagarto, lhe appareceu a Virgem cercada de uma aureola de luz, e o acordára, dando-lhe animo e esforço para matar o reptil. Na parede exterior da capella-mór está representada esta lenda em um painel de azulejos.

Na dita *casa dos milagres* acha-se um grande mausoléo de marmore, repoisando sobre leões. Encerra os corpos de Antonio Cavide, de quem acima fallámos, e de sua mulher D. Marianna Antonia de Castro.

O culto e conservação da egreja estão hoje a cargo das irmandades que se acham n'ella estabelecidas, as quaes se intitulam de *Nossa Senhora da Penha*, de *Nossa Senhora do Livramento*, de *S. João Baptista*, e de *Nossa Senhora dos Afflígidos*. A primeira, denominada vulgarmente dos navegantes e dos fidalgos, é a mais importante. Teve origem no principio do seculo XVII, a bordo da capitânia de uma armada de sete naus, que navegava para a India, e da qual era capitão-mór D. Jeronymo Coutinho. Desenvolvendo-se a peste na sua nau, prometteu este fidalgo a Nossa Senhora da Penha de França crear-lhe uma confraria para a servir, e logo alli fez inscrever na irmandade a toda a tripulação, declarando-se por juiz.

Depois da extincção das ordens religiosas tomou conta do convento a secretaria da guerra para n'elle estabelecer uma hospedaria militar, onde se désse aposento aos officiaes dos corpos das provincias, que viessem á corte em commissão dos seus regimentos.

Concorriam antigamente áquella egreja muitos cirios e romagens dos arredores de Lisboa, que alli iam celebrar em diversas epochas do anno funcções pomposas no templo, e festivos arraiaes em torno d'elle. Agora ainda concorrem alguns, mas as suas festas não gozam da celebridade d'outr'ora, nem attrahem tanta multidão de gente, como n'esses tempos.

Todavia, além do incentivo da devoção, tem o sanctuario muito com que attrahir e satisfazer os curiosos, pois que a sua situação é das mais bellas e encantadoras que fazem contorno á cidade.

O monte sobre que se ergue a egreja e convento é o mais elevado da cordilheira que, principiando proximo do Tejo no monte que tem por coroa o castello de S. Jorge, vae correndo do sul para o nordeste. Sobranceiro á cidade e aos arrabaldes, é um ponto d'onde os olhos relanceiam formosissimos e variados panoramas.

Do lado de oéste mostra o monte a sua maior altura com muito ingreme declive, por onde d'antes subía o escabroso e tortuoso caminho chamado o *Caracol da Penha de França*, que ora vemos substituido por uma bella estrada macadamisada, em zig-zag, orlada de arvores e illuminada a gaz.

D'esta parte do monte, em que o espectador vê estender-se a seus pés, lá no fundo do valle, *Arroios*, extremo norte da cidade, com seus palacios e hortas, desfructam-se as mais pittorescas perspectivas.

Entretanto, de qualquer lado do monte enleia-se a vista, e arrebata-se a alma contemplando tanta variedade de paineis, qual mais ameno e delicioso. Se quereis figurar n'um só quadro essa immensa paizagem, collocae Lisboa no centro, aqui estendendo-se nos valles, e acolá subindo por collinas; orlae a cidade, de uma parte com o manto azulado do seu magestoso Tejo, e da outra com os verdores das hortas e quintas, entremeiados de casinhas campestres, e de habitações magnificas; ao rio e ás quintas ponde uma cercadura de montes com suas villas e aldeias a alvejar-lhes nas faldas ou nas quebradas, nas encostas ou no cume; e finalmente fazei a tudo moldura, em dilatado horisonte, com as serras de Cintra, da Arrabida, e de Monte Junto, e com a immensidade do Oceano.

I. DE VILHENA BARBOSA.

TUMULO DE FR. LUIZ DE GRANADA

Em quanto se não reunem no projectado campo santo, os tumulos dos homens celebres do nosso Portugal, que estão por essas egrejas secularisadas, ou em ruina; e alguns, peor ainda, em logares profanos, iremos memorando os sitios em que se acham essas sepulturas, e publicando os desenhos que d'ellas poder obter a nossa diligencia.

O tumulo de fr. Luiz de Granada, um dos bons mestres da lingua portugueza, cuja gravura hoje publicâmos, está como sumido e desprezado ao lado direito da portaria do antigo convento de S. Domingos de Lisboa, para onde se transferiu a parochia de Santa Justa.

Não é monumento de architectura, mas encerra as cinzas de um varão de grandes virtudes e letras.

Fr. Luiz de Granada nasceu em Hespanha, na cidade do seu appellido; mas, como já disse o auctor do *Mappa de Portugal*, podemos-lhe chamar nosso, porque entre nós viveu e morreu.

Tendo pouco mais de 30 annos, sendo já mestre

da ordem de S. Domingos, onde professára, veiu a Badajoz fundar um convento e prégar. Pela visinhança entrou em Portugal a fama da sua prédica. Estava então por arcebispo em Evora o cardeal D. Henrique, que, desejando ouvil-o, o convidou com grande empenho, e depois alcançou do geral dominicano que o perfilhasse no convento que a ordem em Portugal tinha n'aquella cidade. No anno de 1555 foi eleito provincial do convento da Batalha; e em 1562 veiu para conventual de S. Domingos de Lisboa, onde falleceu, aos 84 annos, no de 1588.

A rainha D. Catharina, mulher de D. João III, o elegeu para seu confessor, e depois, como regente do reino na menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, o nomeou bispo de Viseu, dignidade que elle não quiz acceitar. Vagando o arcebisdado de Braga, a mesma rainha lh'o offereceu, e escusando-se fr. Luiz de Granada a todas as supplicas e instancias, a soberana lhe intimou que designasse o novo prelado. Obedeceu então o modesto frade, propondo a fr. Bartholomeu dos Martyres como o mais digno que elle conhecia para tão importante diocese. São bem notorios os beneficios que provieram ao reino e á christandade d'esta nomeação.

Fr. Luiz de Sousa [1], summariando a vida do veneravel Granada, diz: «Levantava-se de ordinario ás quatro da manhã; gastava até ás seis, parte em oração mental, de que foi sempre tão grande seguidor, como bom escriptor; parte em se apparelhar para o santo sacrificio da missa. Celebrava ás seis com tanta devoção e reverencia, que movia muito a quem o ouvia e via. Seguia ao sacrificio a oração e graças; e indo-se para a cella chamava de caminho quem lhe escrevia.

O modo de escrever era mandando primeiro ler algum livro, que ouvia por espaço de uma hora; logo começava a dictar, passeando quasi sempre; e dictava até ás dez. Então despedia o escrevente, e tomava elle a penna, e escrevia até ás onze horas, em materias differentes das que tinha dictado. A horas de jantar descia a comer sempre na communidade o que n'ella se dava, não lhe esquecendo nunca deixar boa parte para os pobres. Se algumas vezes jantava fóra da mesa conventual, por indisposição ou por ter tomadõ o tempo em algum negocio forçado, fazia ler, em quanto comia, o que pela manhã tinha dictado, e mandava riscar ou acrescentar o que lhe parecia. Isto fazia para não perder tempo, ou para não ficar comendo sem a lição que houvera de ter na communidade. Levantado da mesa ia visitar os enfermos. Da enfermaria buscava a conversação dos padres, onde estavam juntos, quando havia licença de palrar, e alegremente se detinha com elles até meia hora. E tornando para a cella repousava outra meia, e ás vezes só um quarto, coisa que não se podia chamar somno. Se havia nôa acudia a ella, e sempre estendia o espaço, porque não era facil em despegar do sabor da oração. Nos tempos em que não havia nôa, logo á uma chamava o escrevente, e gastava até á noite ou até completas dictando.»

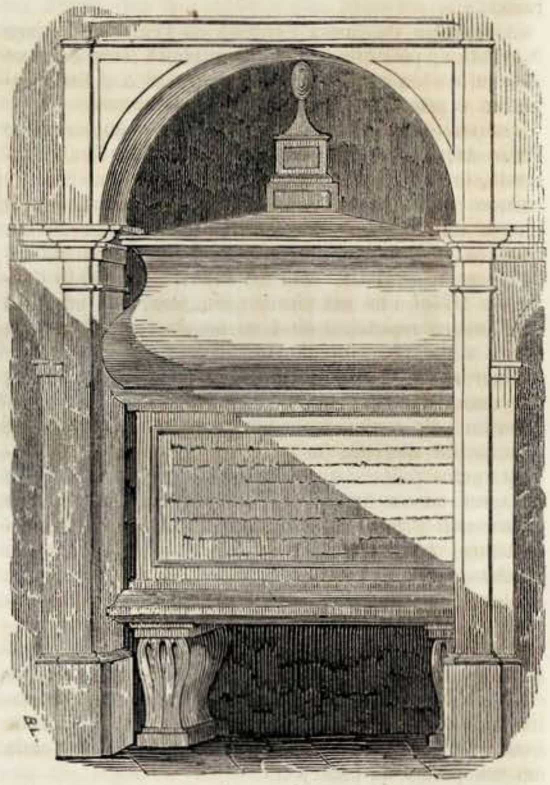
São notaveis, e muito para se lerem, os capitulos em que o nosso tão ameno classico refere o modo por que fr. Luiz de Granada desempenhava os deveres de religioso conventual, e se entregava, noite e dia, á composição dos seus livros, cujo producto era todo para a communidade.

Escreveu e publicou muitas obras theologicas, todas em castelhano, excepto a seguinte que lhe grangeou a auctoridade de classico na lingua portugueza. Intitula-se: *Compendio da doctrina christãa recopilado de diuersos autores, que desta materia escreuerão, pelo R. P. F. Luyz de Granada, prouincial da ordem de S. Domingos. Acrecentarão-se ao cabo treze Sermões dos principaes festas do anno, pelo mesmo autor. Foy impresso em Lixboa em casa de Joannes Blauio de Agripina Colonia. Anno* 1559. 4.° em gothico.

[1] *Hist. de S. Domingos*, tom. I, liv. V, cap. 12 a 17.

Exalçando a sabedoria d'este veneravel padre, fr. Luiz de Sousa, tão competente juiz como todos sabem, expressa-se n'estes termos:

«São os escriptos um verdadeiro retrato de seu auctor. Que se é verdade, como é, que a voz ordinaria, o riso, os meneios, e até o passeio descobrem o que jaz escondido no peito de qualquer homem, mais razão é que seja descoberto pelo que é verdadeiro parto do entendimento, como são os escriptos de cada um. Quem quizer saber qual era o espirito d'este padre, quaes suas letras, seu entendimento, sua eloquencia e suas forças em trabalho, leia por elle e por suas obras. Taes são ellas, que já não ha nação no mundo onde não hajam penetrado. Chegaram aos turcos, passaram aos persas, e até aos ultimos chins. E está averiguado que se tem já traduzido em nove linguas, e que são lidas com louvor até dos mesmos inimigos da fé (que não póde ser maior encarecimento), hereges de todas as seitas, moiros, gentios e judeos. A todos espantam, e a muitos convertem.»



Tumulo de fr. Luiz de Granada

Foi o veneravel padre fr. Luiz de Granada sepultado primeiramente no antecôro de S. Domingos; e d'alli trasladado em 1634 para o tumulo que se lhe fez na portaria, e a nossa estampa desenha, com um epitaphio em latim, cuja traducção é a seguinte:

Frei Luiz de Granada, da ordem dos Prégadores, cuja doutrina foi tal, que, por dito do Papa Gregorio XIII, *maiores milagres obrou do que se Deus alcançára vista para cegos e vida para mortos.*

Sendo buscado muitas vezes para bispo, sempre engeitou a honra: insigne no amor de Deus e caridade com os pobres, tendo illustrado todo orbe com diversidade de excellentes livros e sermões, falleceu em Lisboa aos 84 *annos de edade, com grande saudade de toda a republica christã, no ultimo dia de dezembro de* 1589. [1]

[1] Esta era está errada. Deve ser 1588.